
ARTIGOS OPINATIVOS E DE ATUALIZAÇÃO

UMA DISCUSSÃO SOBRE O FALOCENTRISMO E A HOMOFOBIA*Felipe Adaid¹*

A DISCUSSION ABOUT THE PHALLOCENTRISM AND HOMOPHOBIA

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo analisar a questão da homofobia com base no conceito de falocentrismo, desenvolvida por Freud e posteriormente aperfeiçoada por Lacan. Destarte, com base na realização de um estudo crítico e transdisciplinar de cunho psicológico e antropológico, a discussão das raízes psicanalíticas se torna importante na medida em que se pretende encontrar as mais profundas causas psicológicas que levam a esse fenômeno, infelizmente tão recorrente. Sendo assim, a revisão bibliográfica das fontes pesquisadas se torna de suma importância para o entendimento da violência contra os grupos homossexuais. Ademais, a ter em vista que o pensamento anti-homossexual aponta para um mecanismo de defesa psíquico, relacionado com o feminino simbólico, a discussão sobre o falocentrismo se torna fundamental.

Palavras-chave: homofobia; falocentrismo; violência; gênero

Abstract: This research aims to examine the issue of homophobia based on the concept of phallocentrism developed by Freud and later perfected by Lacan. Thus, based on the achievement of a critical and transdisciplinary study of psychological and anthropological, discussion of psychoanalytical roots becomes important as you wish to find their deeper psychological causes that lead to this phenomenon, unfortunately, as applicant. Thus, the literature review researched sources becomes of paramount importance for the understanding of violence against homosexuals groups. Furthermore, keep in mind that the anti-homosexual thought points to a psychological defense mechanism, related to the symbolic female, the discussion phallocentrism becomes critical.

Keywords: homophobia; phallocentrism; violence; gender

¹Advogado, graduado pela PUC-Campinas. Mestrando em Educação pela PUC-Campinas. E-mail: felipeadaid@gmail.com

O conceito de homofobia tem sido utilizado para fazer referência a um conjunto de emoções negativas. No entanto, entendê-lo assim implica limitar a compreensão do fenômeno e pensar o seu enfrentamento somente a partir políticas voltadas a minimizar os efeitos de sentimentos e atitudes de indivíduos ou grupos homofóbicos. De acordo com Borrilo (2010), é certo que a palavra foi cunhada em 1971 em um artigo científico escrito pelo psicólogo K. T. Smith. Contudo, a palavra só foi dicionarizada na década de 1990. Evidentemente, o vocábulo se origina de um neologismo entre a remissão homossexual e a fobia. A despeito de sua popularidade, a expressão não foi a única a ser criada por meio do neologismo e com o mesmo significado. Em 1967, Churchill escreveu sobre a *homoerotofobia* e, no ano de 1976, Lehne optou pela expressão *homossexismo* (BORRILLO, 2010). Não obstante sua popularidade, o vernáculo *homofobia* apresenta uma evidente falta de lógica, uma vez que pela análise etimológica significa medo de iguais, visto que o prefixo grego *homo*, por si só, não garante o entendimento correto do sentido homossexual. Por esse motivo, parece mais adequado o neologismo criado por Levit e Klassen em 1974, qual seja, *homossexofobia*. Infelizmente, esta não foi a expressão que vingou, e, para evitar futuros imprevistos, a garantir o melhor entendimento do propósito da pesquisa, ficou definida a versão mais popular.

Já o conceito de Falo é tão antigo que se perdeu na memória, desde a antiguidade associou-se a ideia de pênis com poder. O culto ao falo se inicia na humanidade ainda na Pré-História, mas antes dele havia o culto à vulva, símbolo máximo do feminino. Neste contexto existia a crença de que as mulheres geravam seus filhos naturalmente, em uma espécie de maternogênese, o que acarretou o culto do feminino, visto que os homens primeiro acreditavam que o segredo da vida estava na forma mágica com que os bebês saíam das mulheres e a forma com que elas sozinhas produziam o leite. A mulher, perante a sociedade, era vista como uma deusa, dotada de poderes miraculosos e mágicos. Todavia, quando o homem descobre a relação entre o ato sexual e a procriação, possivelmente por meio da observação de suas primeiras criações, o homem primitivo se dá conta de que o segredo da vida está nele, alias, está na semente que saía de seu poderoso instrumento. É a partir dessa descoberta que tanto o homem quanto a mulher passam a cultuar esse novo símbolo, que doravante passa

a representar a vida. O culto fálico possibilitou ao homem prestígio e poder entre as mulheres, doravante ele passara a ser o próprio deus, o que o levou a se sentir superior e dotado do direito de possui-la e dominá-la.

O vernáculo *falo*, etimologicamente decorrente do latim *phallus* e correspondente ao grego *φάλλος*, onde se lê *falós*, se relaciona à ideia de pênis. O conceito de Falo, enquanto símbolo do masculino e do poder, é um dos mais importantes segundo a teoria psicanalítica. Sigmund Freud foi quem o desenvolveu primeiro, em conjunto com a ideia de Complexo de Édipo e Complexo de Castração, e significou um repúdio à mulher. O Falo é, pois, citado pela primeira vez no texto *Análise terminável e interminável*, escrito em 1937, o qual discorre sobre a ideia de inveja do pênis feminina e o medo da castração masculina. A ideia de pênis e Falo certamente se confundem na teoria de Freud, muitas vezes usadas como sinônimos. Todavia, é Jacques Lacan quem trabalha com maior complexidade e de forma mais profunda o conceito de Falo, analisado *maxime* no texto *A significação do Falo*, escrito em 1958.

Destarte, o falo é entendido como representante simbólico do pênis, porém não se reduz ao órgão masculino na sua forma fisiológica, ou seja, o conceito não se restringe à mera representação do membro viril masculino e sua consequente função reprodutora. Deve-se entender a ideia de Falo enquanto uma construção simbólica que se contrai no imaginário humano, designando um conglomerado de signos historicamente construídos relativos à importância do homem na sociedade e à inferioridade da mulher. Em suma, o Falo representa o poder sobrenatural que seu portador carrega, criando um sentimento de soberba megalomaniaco. A partir desse conceito, os doutrinadores do pensamento psicanalítico irão desenvolver uma série de teorias que tentaram explicar a influência do Falo na relação entre os sujeitos e na própria construção do ego, entre elas a teoria edípica

O Falo, segundo a teoria lacaniana, pode ser interpretado como uma construção simbólica do pênis, em uma tentativa de substituir a perda da posse edípica. Visto que a criança não poderá consumir seu desejo incestuoso, ela se frustra e cria um substituto imaginário à altura da figura incestuosa, o que irá influenciá-la profundamente na fase adulta. *Grosso modo*, o Falo é um mecanismo de defesa psicológico, uma forma de amenizar a dor da carência edípica. A impossi-

bilidade e o fracasso da paixão no Complexo de Édipo faz com que a criança desenvolva um sentimento de absoluta tristeza e uma necessidade de se recompensar dessa enorme perda. Na prática, o Falo se mostra como uma autoafirmação diante do rival, nas mais diversas formas. A substituição fálica representa, pois, a própria prepotência refletida pelo duelo edípico. Quanto maior for o recalque maior será seu ímpeto por estima. Em última análise, pode-se dizer que todos os indivíduos são dotados de uma autoestima frágil e estão ávidos por se autoafirmar; não existe, assim, soberba ou altivez, mas sim a substituição pelo Falo.

Sendo assim, o Falo está sempre relacionado com poder e pênis, seja qual for a interpretação atribuída. Quando se busca a memória humana, observa-se que desde as mais primitivas civilizações existe o culto ao Falo e este é sempre materializado na forma de um pênis. É evidente que a importância da masculinidade nas diversas sociedades fez com que em cada uma, à sua maneira, o Falo fosse cultuado. Porém, o que é o Falo afinal? A objetivação da onipotência, um pênis em estado de ereção ou a essência da virilidade? Será que os primitivos não se deram conta que estavam cultuando uma ilusão, uma vez que o pênis fica ereto em um curto período, a maior parte do tempo o pênis está flácido e não representa qualquer atrativo ou notoriedade? Inclusive, metaforicamente, o pênis no estado normal representa a própria prepotência, e não a potência. Todavia, assim como os homens modernos, que no monoteísmo criaram um deus absolutamente poderoso e superior, os primitivos também criaram uma figura exemplar e digna de adoração. Talvez seja esta grande disparidade entre o grande e poderoso Falo adorado e a realidade fisiológica que mais tenha causado desapontamentos ao homem ao longo do tempo, pois é nesse momento que ele se dá conta de sua impotência e sua falta de poder.

Desenvolvimento

Segundo a psicanálise, de acordo com Zimmerman (1999) a fobia representa uma complexa e diversificada combinação de pulsões, fantasias, angústias, defesas do ego e identificações patógenas que podem determinar na personalidade do sujeito uma estrutura de natureza fóbica. Pelo fato de que essa estrutura fóbica axial costuma ser multideterminada e variar em intensidade como em qualidade, ela se configura

cl clinicamente como uma ampla gama de possibilidades, desde as mais simples e facilmente contornáveis até as mais complicadas, a ponto de serem incapacitantes e paralisantes. Tal como utilizado na psiquiatria por volta de 1870, como substantivo, o termo designa uma neurose cujo sintoma central é o pavor contínuo e imotivado que afeta o sujeito frente a um ser vivo, um objeto ou uma situação que, em si mesmo, não apresenta nenhum perigo real. Todavia, em psicanálise a fobia é um sintoma neurótico, e não uma neurose propriamente, por isso a utilização da expressão histeria de angústia em lugar da palavra fobia. Introduzida por Wilhelm Stekel em 1908 e retomada por Sigmund Freud, a *histeria de angústia* é uma neurose de tipo histérico, que converte uma angústia em um terror imotivado frente a um objeto, um ser vivo ou uma situação que não apresenta em si nenhum perigo real (ZIMMERMAN, 1999).

Deve-se ressaltar que esse medo extremo nunca está relacionado ao objeto que se teme, a grande questão envolvendo qualquer fobia é de ordem inconsciente. O indivíduo que sofre de determinada patologia fóbica só tem consciência do medo pelo objeto, mas ignora sua verdadeira causa. Essa questão fica clara ao retomar a castração: a própria história do Pequeno Hans demonstra que existe uma grande diferença entre o objeto fóbico e a causa do medo. Conscientemente Hans crê que teme os cavalos, pois eles podem mordê-lo, contudo, em seu inconsciente, a fobia dos cavalos está no medo de ser castrado. Especificamente a transferência ocorre pela substituição da figura paterna castradora pelo cavalo mordedor. A criança não consegue fazer qualquer relação entre a castração do pênis e a mordida do cavalo, mas em seu inconsciente a ligação se torna clara. A dicotomia entre o real motivo que enseja a patologia fóbica e o objeto eleito pelo indivíduo para representá-lo no consciente ocorre em todas as espécies de fobia.

Ora, se a fobia equivale a um medo tão grande que torna impossível a aproximação entre o fóbico e o objeto, então qual é o sentido em se falar em homofóbico enquanto medo irracional aos homossexuais? É evidente que o homofóbico não teme os homossexuais, pelo menos não enquanto objeto fóbico, pois se o temesse enquanto objetivo fóbico simplesmente se esquivaria de sua aproximação, assim como os aracnofóbicos ordinariamente o fazem ao se depararem com uma aranha. Ao avesso disso, o homofóbico não se esquia nem foge do homossexual, ele o agride e o persegue de forma impiedosa, sistemática

e contínua. Então, qual é o medo do homofóbico? Na realidade o medo do homofóbico não é do próprio homossexual, mas de ser influenciado por ele e se tornar um homossexual também, ou, pelo menos, ter sua virilidade afetada. Mas será que a masculinidade é assim tão frágil, a ponto de ser facilmente corrompida por outro?

Dever, provar, provocações, essas palavras dizem que há uma tarefa real a cumprir para tornar-se homem. A virilidade não é dada de saída. Deve ser construída, fabricada. O homem é, portanto, uma espécie de artefato e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito. A masculinidade não é uma essência, mas uma ideologia que tende a justificar a dominação masculina. (BADINTER, 1992, p. 4)

Para compreender a fragilidade da identidade masculina, deve-se primeiro entender o que é masculinidade. Evidentemente não existe um conceito derradeiro para a masculinidade, mesmo se existisse, não seria corolário de toda sua complexidade e vastidão. Biologicamente pode-se dizer que a masculinidade está relacionada com o sexo masculino, com o macho, mas torná-la um aspecto da natureza é deveras animalesco. Há muito mais elementos culturais na construção do masculino no que meramente biológicos: atributos como virilidade, força, coragem, violência, estão relacionados, de certa forma, com o que se entende por homem e por masculino. Visto que esses atributos são construídos e impostos ao homem pela sociedade, não se pode conceber a ideia de que fazem parte de uma essência. A finitude das características que torna alguém masculino, gerada por essa falta de essencialidade, faz com que a todo o momento a masculinidade deva ser provada e comprovada. Pois bem, se ao homem é tão necessário construir e zelar por sua imagem masculina, então este aspecto viril se equivale ao próprio conceito laciano de Falo. À medida que o homem sente a fragilidade de sua identidade e a possibilidade de sua virilidade se esvaír, cria-se uma sensação de instabilidade que afeta diretamente sua autoestima. O homem, na insana tentativa de coibir a destruição de sua masculinidade, cria um Falo. Na prática, o Falo se equivale a todo e qualquer comportamento ou elemento possível de ser incorporado para camuflar sua carência. Desde a postura robusta até o engrossamento da voz são características que corroboram para a construção, na ordem simbólica, do Falo.

A maioria das sociedades patriarcais identifica masculinidade e heterossexualidade. Na medida em que se continua a definir o gênero pelo comportamento sexual e a masculinidade por oposição à feminilidade, é inegável que a homofobia, a exemplo da misoginia, desempenha papel importante no sentimento de identidade masculina. Algumas pessoas não hesitam em dizer que elas são as duas forças de socialização mais críticas na vida de um rapaz. Estas forças visam diferentes tipos de vítimas, mas constituem as duas faces da mesma moeda. A homofobia é o horror às qualidades femininas nos homens, enquanto a misoginia é o horror às qualidades femininas nas mulheres. (BADINTER, 1992, p. 116)

Estando o sentimento de ser macho menos solidamente fixado nos homens, a homossexualidade é sentida como uma ameaça mortal para sua identidade (BADINTER, 1992). A lógica da masculinidade está em se distanciar do feminino, logo, quanto menos feminino se é, mais masculino se torna. Como a identidade de homem está socialmente ligada à ideia de masculino, então, torna-se impossível a existência de um homem com características femininas. Sendo mais bem explicado, na medida em que a identidade masculina se dá pela cultura, ou seja, por aspectos como virilidade, força, poder, coragem, soberania, então se nega o caráter meramente biológico: o homem não é mais quem tem pênis. A mera posse do pênis só torna um indivíduo macho – enquanto animal – para se tornar um homem, ou seja, viril e masculino, ele deve ter outras características, as quais se distinguem necessariamente das mulheres. É neste ponto que surge o pensamento misógino, pois, como detentor do poder e representante da elite, o homem deve enfraquecer e diminuir tudo o que representa o feminino. De outra banda, uma vez que o homossexual representa uma forma caricatural do feminino, uma metamorfose entre o dever-ser do homem e da mulher, não há lugar para ele na sociedade. Mas qual é a lógica para a repulsa do feminino?

Embora cada um dos sexos tema o outro, a vagina parece mais temida do que o falo. O falo pode perfurar, ferir e violentar, mas não é um instrumento de morte. Simbolicamente é representado como uma espada ou uma serpente. O mesmo não acontece com a vagina, que suscitou uma abundante e terrificante literatura. Os homens a temem porque se oculta aos olhares e porque suas propriedades são misteriosas. Nos

mitos ela é sempre representada como uma força devoradora, insaciável, uma caverna com dentes (BADINTER, 1986). Os pesadelos em se perder em uma caverna escura, o medo infantil do armário escuro, todos os buracos medonhos e as concavidades misteriosas representam simbologias evidentes do canal vaginal e da vulva. Todos esses temores e pesadelos se referem ao próprio medo do contato com o feminino, é por meio do contato com esse mundo estranho que se pode deixar contagiar-se. O contato com a feminilidade causa asco e repulsa, pois na mais rudimentar lógica do inconsciente existe a crença de ao tocá-la aquilo se torna parte dela. A única solução é, então, se afastar e se abster de tudo o que é relacionado ao feminino. O que a *priori* parece um contrassenso, porque o contato com a fêmea é necessário ao coito, sem contato não há reprodução, nem chance de eternizar sua estirpe. Porém, o contato sexual é interpretado como mais uma forma de dominação do feminino, assim sendo, durante o ato sexual o homem está, em seu imaginário, dominando o que há de feminino nela e nele. Essa ideia de utilidade da mulher como mero objeto era conscientemente aceita na antiguidade, contudo, permanece viva no inconsciente do homem coevo. A homofobia, pois, deve ser entendida na medida de um apêndice da misoginia, na medida em que ambas representam o feminino. Assim, o que se esconde por detrás da fóbica aversão à feminilidade é a inequívoca fragilidade da virilidade.

De fato, a homofobia remete ao temor secreto dos próprios desejos homossexuais. Ver um homem efeminado desperta enorme angústia em muitos homens, pois desencadeia neles uma tomada de consciência de suas próprias características femininas, como a passividade e a sensibilidade, que eles consideram um sinal de fraqueza. As mulheres, é claro, não temem sua feminilidade. Esta é em parte a razão pela qual os homens são mais homofóbicos que as mulheres. (BADINTER, 1986)

A construção simbólica do feminino deveria ser tão frágil quanto a do masculino, tendo em vista que, da mesma maneira que não existe uma essência masculina, também não existe uma equivalente feminina. Não obstante, não se pode olvidar a evolução histórica do pensamento sexista, desde a descoberta do Falo entre os primitivos, foi o homem quem

primeiro precisou provar sua masculinidade e sua superioridade. A fragilidade masculina se refere ao medo de perder suas próprias características, sua identidade. A mulher, por óbvio, não tem o que temer ao se aproximar de um homem homossexual, visto que não tem masculinidade que possa ser afetada. Todavia, não se pode negar a existência de mulheres homofóbicas, qual é o sentido em falar de fobia em se perder a identidade feminina quando já se é uma mulher? Possivelmente a hostilidade vivenciada por algumas mulheres diante do homossexual masculino se deve primeiro à influência da própria homofobia masculina, é o medo generalizado e disseminado entre os homens heterossexuais que acabam influenciando o pensamento das mulheres. Ademais, não se pode negar que muitas vezes a figura do homem homossexual cause na mulher certo desconforto, pois ao desejá-lo e não ser retribuída de imediato, ela se volta contra o objeto desejado, em uma espécie de retaliação de defesa. A homofobia feminina se evidencia mais contra os homossexuais do sexo feminino, pois estas sim representam uma ameaça à sua feminilidade, que muito embora socialmente menos frágil que a masculina, também requer cuidado. Igualmente se dá pelo homem dito heterossexual que se aproxima da mulher homossexual, sua masculinidade não se torna tão ameaçada quanto ficaria se fosse outro homem, mas em se tratando de uma mulher homossexual, seu desejo não será correspondido, o que inconscientemente o leva a crer que ela não foi dominada. É por meio do fracasso de sua investida que nasce a agressividade.

A homofobia reforça a frágil heterossexualidade de muitos homens. Ela é, então, um mecanismo de defesa psíquica, uma estratégia para evitar o reconhecimento de uma parte inaceitável de si. Dirigir a agressividade contra os homossexuais é um modo de exteriorizar o conflito e torná-lo suportável. (BADINTER, 1986, p. 342)

A tratar da homofobia, seja no homem heterossexual seja na mulher heterossexual, na verdade, seja qual for o sexo do indivíduo, sempre haverá a possibilidade de a figura homossexual afetar sua heterossexualidade. Quando se fala em fobia, deve-se ressaltar que é óbvio que eles não estão com medo do próprio homossexual, o homem ou mulher homossexu-

al não apresenta um perigo aparente enquanto pessoa. O sintoma fóbico desses indivíduos heterossexuais ocorre justamente pelo significado que tem a homossexualidade. Principalmente entre os homens, que precisam estar a todo o momento provando a heterossexualidade, por meio de comportamentos e pensamentos estereotipados, a homossexualidade se torna uma grande ameaça à sua identidade. O fóbico teme não só aquele aspecto feminino lhe infecte, como que, por conseguinte, ele perca sua identidade e se torne excluído de seu grupo social.

As reações homofóbicas mais violentas provêm, em geral, de pessoas que lutam contra seus próprios desejos homossexuais. A violência contra os homossexuais é apenas a manifestação do ódio contra si mesmo ou, melhor dizendo, da parte homossexual de si que o indivíduo teria vontade de eliminar. A homofobia é uma disfunção psicológica, resultado de um conflito mal resolvido durante a infância e que provocaria uma projeção inconsciente contra pessoas, supostamente, homossexuais. Esse mecanismo de defesa permitiria reduzir a angústia interior de se imaginar em via de desejar um indivíduo do mesmo sexo. (BORRILLO, 2010, p. 98)

Assim, a questão reflexiva da agressividade homofóbica é justamente o fenômeno pelo qual o indivíduo fóbico se vê no homossexual, identificando-se com ele inconscientemente. Essa identificação pode se dar tanto no âmbito do desejo incontrolado e recalcado, ou seja, de fato o fóbico realmente apresenta impulsos ou tendências homossexuais das quais nem ele mesmo tem consciência; ou então ela pode se dar pela própria constatação de que o fóbico também tem características socialmente atribuídas ao feminino, quais seja medo, insegurança, delicadeza. A observação de que se possui características femininas não significa, em absoluto, uma necessária relação com a bissexualidade ou a homossexualidade, identificar-se com o feminino embutido na figura do homossexual é a consciência normal de que tanto homens quanto mulheres possuem igualmente características femininas e masculinas.

Destarte, ser homofóbico não significa necessariamente ser homossexual. Contudo, não há dúvida de que só existe violência quando se tem alguma questão muito forte a ser resolvida. Mesmo quando se é consciente de sua própria homossexualidade, a homofobia

pode ser uma forma de camuflagem, o homossexual se mostra agressivo e refratário em relação à própria homossexualidade, contudo, não deixa de praticá-la em surdina. Todavia, o mais comum é que nos casos de maior agressividade, em que realmente existe a intenção de extermínio, a homossexualidade do fóbico seja inconsciente. Não sendo homossexual, ele deve ao menos se sentir profundamente afetado pela feminilidade do homossexual, talvez não na ordem do desejo, mas no que se refere à vulnerabilidade de sua masculinidade. Na prática, a homofobia ocorre em dois campos distintos: primeiro na ordem simbólica, a homossexualidade enquanto aspecto da sociedade e representante de um grupo; depois, contra o homossexual, algum indivíduo em particular, próximo. Assim, o homofóbico não age contra a homossexualidade, pois esta é um elemento simbólico na sociedade, e representa o reflexo de todo um conjunto de pessoas e aspectos culturais. A violência acontece contra os indivíduos, particularmente ou em conjunto, quando alguém mata um homossexual ele está atingindo um particular, porém seus reflexos são sentidos pela coletividade. Tudo o que ocorre no particular gera efeitos no coletivo, pois ao atingir o particular acaba por incidir no simbólico cultural. As ações homofóbicas causam reações nefastas contra o próprio coletivo.

Nesse compêndio, seja qual for o modo de que a homofobia é gerada, ela sempre estará relacionada com a misoginia. A mulher, quando raramente desenvolve esse patológico sintoma, está inadvertidamente causando mal a seu próprio grupo, uma vez que, por mais contraditório que possa parecer, mesmo quando a homofóbica é uma mulher, a agressão contra o homossexual sempre representa uma agressão contra o próprio feminino: o feminino personificado no homossexual e também o feminino personificado no próprio homofóbico. Enquanto ódio irracional contra homossexuais ou contra a homossexualidade, a homofobia é apenas uma vertente do pensamento misógino. Igualmente como as mulheres se agredem, se ferindo e se matando, a misoginia e a homofobia não podem ser considerados atributos meramente masculino. Na medida em que a feminilidade, enquanto construção simbólica e cultural, significa uma ameaça perene à fragilidade masculina, a homofobia também o é. Seja ele quem for, em

última análise, a intenção do homofóbico é sempre de destruir o feminino, favorecendo a hegemonia masculina de poder e dominação, por meio do falocentrismo.

Considerações finais

Não obstante o colorido arco-íris da Bandeira Gay, a mais breve observação demonstra um passado bastante cinzento. Com maior evidência ainda é o fato de que os processos culturais envolvendo a homossexualidade, mormente em que pese a violência, estão imediatamente ligados ao feminismo. Dessa forma, observa-se que a opressão de gênero, *maxime* no que tange o pensamento misógino, sempre esteve acompanhada do ranço anti-homossexual. Enquanto manifestação individual e coletiva de agressividade perante o homossexual, a homofobia se torna um apêndice do próprio fenômeno sexista. Assim, pelos levantamentos realizados no decorrer da pesquisa, foi possível demonstrar a estrita relação entre o fenômeno homofóbico e a difícil construção da identidade masculina. Ao considerar que a masculinidade é um aspecto desenvolvido socialmente, uma característica não inata, em que os homens devem, a todo momento, provar sê-lo, fica comprovado que a estruturação dela é bastante custosa e de igual modo frágil. O homem precisa, então, constantemente manter sua reputação de virilidade, dominação e força, que são características imprescindíveis à masculinidade. Por outro lado, o feminino, antagonicamente, se opera ao oposto do que se entende por masculino, sua mera presença constitui uma ameaça terrível, que poderia abalar seus delicados baldramas. Ora, já que a homossexualidade se apresenta como equiparação ao feminino, ideologicamente uma negação do masculino, por meio da oposição à heterossexualidade, então, não é arriscado afirmar que a sua presença na sociedade inibe e fere a construção e a manutenção da identidade masculina dos demais indivíduos. Da mesma maneira, essa necessidade de autoafirmação masculina quiçá seja devida à uma reminiscência demasiada tardia, um ranço incrustado no inconsciente coletivo humano, da época em que as mulheres eram corolárias supremas do poder. O falocentrismo, então, deve ser interpretado como uma forma legítima de gerência do poder, no patético temor

de ter seu trono dominado novamente por elas. Isso prova que o pensamento misógino, propagado de forma tão milenar, ainda está fortemente enraizado. A homofobia é, pois, prova cabal da dinâmica falocêntrica que ainda reina na sociedade hodierna, a qual ainda permanece disseminando a opressão e a violência por meio da hegemonia masculina.

Em epítome, pode-se sopesar que, de forma genérica, nos diversos aspectos do conhecimento, desde o senso comum à religião, a homossexualidade permanece incompreendida. Um tema polêmico, dado sua volatilidade: ora pecaminosa, ora patológica. Assim sendo, *grosso modo*, qualquer discussão a respeito da homofobia se torna inútil enquanto solução ou, minimamente, apaziguadora. A ciência, ancorada em sua frágil metodologia racional, se esquiva em seu discurso jargônico e eufemista. A religião – mormente nos setores católicos e protestantes –, por seu turno, se utiliza da violência como forma de segregação, sempre muito bem fundamentada com citações bíblicas e referências teológicas incontestáveis. Já o senso comum, escoreado na insipiência das massas, fatalmente se confunde, afundado em sua *doxa* própria, sempre pendendo para a opinião que particularmente mais lhe convier. *In fine*, a filosofia, quiçá mais improfícua que a efetividade do próprio discurso científico, na medida de seu demasiado universalismo, tem sua crítica afastada de qualquer solução conclusiva. Destarte, cogitar uma plausível e derradeira resolução ao fenômeno da homofobia se torna, a priori, inócuo, senão pelo imediato fim do falocentrismo e da misoginia, por meio da construção de um novo paradigma de igualdade entre os gêneros. Neste diapasão, é possível afirmar que, para se galgar tais conquistas, seria necessária uma longa peleja, envolvendo profunda reavaliação simbólica do feminino – possivelmente a transcender sua própria dicotomia com o masculino.

Referências

- BADINTER, Elizabeth. *Um é o outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BADINTER, Elizabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de*

um preconceito. São Paulo: Autêntica, 2010.

EISLER, Riane. *O prazer sagrado: sexo, mito e política do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. v. X.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. v. XVIII.

FREUD, Sigmund. O ego e o Id. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. v. XIX.

LACAN, Jacques. A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ZIMMERMAN, David. *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. São Paulo: Artmed, 1999.